

ENTRE O COMPLEXO DE ÉDIPO E SUAS NORMATIZAÇÕES: A PATOANÁLISE¹

BETWEEN THE OEDIPUS COMPLEX AND ITS NORMS: THE PATOANALYSIS

Rafael Cavalheiro

LIVRO: PSICANÁLISE SEM ÉDIPO? UMA ANTROPOLOGIA CLÍNICA DA HISTERIA EM FREUD E LACAN.

AUTORES: HAUTE, PHILIPPE VANS; GEYSKENS, TOMAS.

BELO HORIZONTE: AUTÊNTICA, 2016, 205 P.

Publicado originalmente em 2013 e traduzido para o português em 2016, o livro *Psicanálise sem Édipo? Uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan* traz como tese central uma proposta arrojada, interessante e necessária: questionar o estatuto da centralidade do Complexo de Édipo na teoria psicanalítica, bem como tencionar as problemáticas normativas depreendidas através de sua abordagem psicogênica, além de mostrar como a proposta de uma leitura patoanalítica da psicanálise, que não toma como o Complexo de Édipo com *status* de balizador central das neuroses ou das psicopatologias pode ser menos normativa. É curioso ver que até mesmo nas notas editoriais das traduções mais recentes das obras de Freud (1924/2016), ainda há referências explícitas da importância do complexo de Édipo para pensar a psicopatologia psicanalítica.

Organizado em oito capítulos, excluindo a introdução e a conclusão, os autores estão em diálogo permanente com Freud e com Lacan, além de autores de outras áreas do conhecimento. Por vezes, abordam as teorias desde uma perspectiva patoanalítica, mostrando em que momento Freud e Lacan aproximam-se ou afastam-se dessa noção. Começam destacando que a psicanálise “pré-Édipo” não está preocupada com a questão da normalidade *versus* patologia, pois “a psicopatologia não aparece como o negativo de uma suposta normalidade” (p. 19). Ainda na introdução, abordam a perspectiva patoanalítica proposta por Jacques Schotte, com repercussão bastante discreta nas teorizações psicanalíticas. Inicialmente, destacam, por exemplo, que a patoanálise está mais ligada a uma perspectiva quantitativa, como uma constelação de fatores presente em todos os sujeitos, de modo que algumas categorias clássicas da psicopatologia, como a neurose obsessiva, reuniriam maior quantidade de certos fenômenos, estes apenas aparecendo mais intensamente em determinados quadros, mas são conflitos próprios de grande parte/todos os sujeitos (ver p. 24).

Nos primeiros quatro capítulos discutem extensamente diversos textos da obra freudiana, mostrando um trânsito importante pela teoria de forma bastante consistente. Apontam que “nos textos iniciais de Freud sobre histeria não encontramos ideias como a de que toda e qualquer psicopatologia possui uma base edipiana ou a de que a passagem por questões edipianas é obrigatória para uma subjetividade adulta” (p. 25). Além disso, apontam para algo que não é comumente discutido na psicanálise (teoria/transmissão): existe uma interpretação clássica e ortodoxa da teoria freudiana, nesse sentido, o livro apresenta-se

como uma proposta para romper tal tradição, já saturada. Utilizam o exemplo de Didier Anzieu, importante psicanalista francês que faz uma leitura edípica dos textos iniciais de Freud, mesmo quando esse conceito não estava presente. Van Haute e Geyskens defendem que a leitura partindo sempre do fim para o início dos textos freudianos tira boa parte da originalidade dos textos iniciais e colocam problemas teóricos onde não havia. Os autores ainda reivindicam que uma leitura patoanalítica da teoria psicanalítica (ao menos nos trabalhos de Freud) não possui um caráter edipiano, logo a centralidade do conceito é passível de problematizações.

Ao longo dos quatro primeiros capítulos, vão mostrando a evolução do pensamento de Freud e sublinham pontos insaturados de leitura: até a primeira edição dos *Três ensaios*, do *Caso Dora* e do trabalho sobre os *Chistes*, a noção de complexo de Édipo não desempenha um papel crucial, sua centralidade começa a surgir a partir do *Homem dos Ratos* e especialmente a partir da especulação antropológica de *Totem e Tabu*. Mesmo no texto de 1906 sobre “o papel da sexualidade na etiologia da neurose”, não há uma só palavra em relação ao Édipo. Reiteram que o conceito de Complexo de Édipo não aparece na primeira edição dos *Três Ensaios* e ressaltam a originalidade do ensaio quando excluimos tal conflitiva. As referências ao conceito mítico são incluídas sistematicamente a partir de 1920. Em 1905, não é o complexo de Édipo, mas sim a bissexualidade que está no cerne das teses freudianas acerca da sexualidade e da histeria, o que também dialoga com o texto do ano seguinte.

O famoso “Caso Dora” ganha especial atenção dos autores, tanto em Freud, quanto na(s) releitura(s) de Lacan. Os autores entendem que no caso de Dora, Freud tenta induzi-la a acreditar que Herr K. é o verdadeiro objeto de seu desejo, evidenciando sua crença na matriz heterossexual e cegando-o para a ligação de Dora com Frau K. Afirmam que, com exceção de Rachel Blass e Ernest Jones, a leitura quase totalitária dos autores psicanalíticos é de Dora como o primeiro caso em que o complexo de Édipo está no centro da patogênese da neurose. Entendem que a partir das notas adicionadas aos *Três Ensaios*, a bissexualidade vai paulatinamente perdendo espaço nas teorizações de Freud em detrimento do complexo de Édipo como núcleo central da neurose (p. 68-69). Retomam a abordagem patoanalítica como contraponto, já que “o enfoque de uma libido polimorfa, perversa, bissexual e, conseqüentemente, ateleológica está em uma relação de antagonismo com uma abordagem psicogênica” (p. 70). Os autores apontam que, após Dora, o interesse de Freud se desloca da histeria para a neurose obsessiva e para a paranoia e que o tema da bissexualidade também é empurrado para as margens da psicanálise, especialmente a partir de 1909². “É nesse outro contexto clínico que Freud desenvolve uma teoria completamente nova, na qual o complexo de Édipo é central e todas as formas de psicopatologia são compreendidas como tentativas fracassadas de defesa contra o conflito edipiano” (p. 85)³.

Após debruçarem-se sobre o “Caso Dora”, os autores partem para uma leitura minuciosa do artigo de 1920 de Freud intitulado: “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina”. Não farei uma análise aprofundada desse artigo por uma questão de espaço, entretanto, considero importante frisar que nesse artigo a abordagem de Freud é bastante confusa e imprecisa, pois crê que “a moça se torna homossexual como resultado de seu desapontamento com relação ao pai e continua homossexual em razão de vingança” (p. 94, referindo-se a Freud 1924/2016) e há uma busca etiológica, como bem destacam Van Haute e Geyskens, “não é tarefa da psicanálise explicar como

alguém se torna homossexual, histérico, masoquista ou qualquer outra coisa” (p. 97). Esse também é um interessante ponto no qual Lacan faz uma crítica a Freud, sugerindo que o criador da psicanálise possui uma verdade irreduzível acerca do desejo inconsciente e age como um mestre (p. 142).

Nos capítulos cinco e seis retomam os dois casos supracitados desde uma perspectiva lacaniana e mostram a releitura estruturalista proposta por Lacan do “Caso Dora”, conforme o início de seu ensino⁴. Tal releitura é uma tentativa explícita de superar o ponto de vista freudiano ligado à psicogênese; em outras palavras, o interesse de Lacan não está no desenvolvimento do sujeito/ou da libido e suas fixações, mas em seu lugar em uma estrutura (p. 103). Apesar disso, nesse momento inicial, Lacan ainda acredita que “pacientes histéricos são aqueles que alcançaram o nível da crise edípica, mas não conseguiram ultrapassar por completo esse nível. Superar esse nível, ou seja, vencer a problemática edípica tornaria possível a assunção pelas mulheres dos papéis a elas prescritos pelos sistemas simbólicos de parentesco” (p. 124). Já no caso da “jovem homossexual”, Lacan acredita que a escolha de objeto homossexual é uma resposta diante da desilusão da menina frente ao pai e que isso remete a um “trauma edípico” e aqui, de modo bastante perspicaz, os autores destacam que “isso ilustra claramente as dificuldades em separar completamente o complexo de Édipo da psicogênese. Se a natureza homossexual da paciente de Freud é, de fato, uma reação a um trauma edípico, a questão certamente se refere também a como ela se tornou homossexual, não apenas a seu lugar em uma estrutura” (p. 128). Encerram o capítulo reafirmando que “o complexo de Édipo inevitavelmente insere na teoria psicanalítica um elemento normativo que é antagônico ao projeto de uma patoanálise” (p. 140).

Nos capítulos finais, os psicanalistas belgas tomam os seminários 17 e 19, nos quais há uma reformulação teórica importante de Lacan. Van Haute e Geyskens destacam que o francês “rompe com os clássicos moldes do Édipo freudiano” (p. 142) e que ele chega a declarar que o complexo de Édipo é inútil para a clínica (p. 143). Lacan segue teorizando sobre quanto a experiência de Freud com as histéricas deveria ter lhe ensinado sobre as limitações das explicações edípicas. Ainda em *Acesso da Psicanálise*, Lacan diz que devemos interpretar o complexo de Édipo apenas como *um de vários sonhos* de Freud e que “se Freud não tivesse se deixado cegar por casos de pacientes cujas questões neuróticas gravitavam em torno do parricídio, talvez ele tivesse percebido que *o que está em jogo no mito é a verdade e a impossibilidade uma absorção plena dessa verdade pelo saber*” (p. 144, grifo meu). A questão para Lacan desloca-se da castração para a problemática da verdade e aqui não há como não fazer uma aproximação da proposição de Lacan com as ideias de Bion sobre mito edípico, como também uma ligação através da busca pela verdade e sua relação com a arrogância. Desse ponto, partem para uma análise das fórmulas da sexualidade e a alusão a um “gozo Outro (feminino) que são as respostas lacanianas à problemática do complexo de Édipo *feminino* tal como formulado por Freud [...] em seus trabalhos tardios, Freud insiste em tentar compreender tanto a sexualidade feminina como a masculina à luz do complexo de Édipo e da castração” (p.163)⁵.

Acreditam que a partir da introdução das fórmulas da sexualidade, devido a uma descolagem do biológico, há um avanço na teoria no que concerne às normatizações. As questões relativas à mulher aqui não são mais definidas nos termos de um papel estrutural específico no sistema simbólico, pois “mulher” ou “feminilidade” são determinadas por uma forma específica de gozo, situado

para além do falo (p. 178). Por fim, relaciona que fórmulas da sexuação possibilitam reestabelecer um espaço para a problemática da bissexualidade, questão central para a leitura freudiana do “caso Dora”⁶.

Na conclusão, os autores retomam diversas discussões apresentadas anteriormente, contudo, há ênfase mais acentuada na patoanálise. “A abordagem filosófica clássica ao texto freudiano deixa de mostrar nele o que há de verdadeiramente original [...] A verdadeira novidade do estudo patoanalítico freudiano sobre a sexualidade está no fato de que as várias patologias sexuais são pensadas como meros exageros de tendências compartilhadas [...] Nesse aspecto a histeria guia o caminho de Freud” (p. 181). Há, também, uma retomada das armadilhas edípicas na obra de Freud e aqui o posicionamento dos autores é muito próximo ao de Judith Butler, quando assinalam o destino heteronormativo do Édipo (ver p. 185). “A hipótese geral da patoanálise é a de que, de acordo com o princípio do cristal (FREUD, 1933), toda psicopatologia é um exagero caricatural de uma problemática comum” (p. 191). Por conseguinte, gostaria de destacar a importância da leitura deste livro, que nos brinda com outros vértices de abordagem tanto do texto freudiano quanto do texto lacaniano. Além disso, traz uma discussão profícua, atual e indispensável para psicanálise dita “contemporânea”: o risco em apoiar-se em concepções e de escorregar em muitas normalizações, o que colide com o projeto patoanalítico.

NOTAS

1. Todas as referências bibliográficas citadas no presente trabalho estão contidas no livro.
2. Após uma breve consulta ao índice onomástico das obras completas de Freud (edição da Companhia das Letras), percebe-se realmente que, como apontam os autores, o tema da bissexualidade desaparece da obra de Freud por um tempo: seguem-se as vezes que o termo bissexual ou bissexualidade aparecem na tradução supracitada: 1901-1905 (dez menções); 1906-1909 (três menções); 1909-1910 (nenhuma menção); 1911-1913 (nenhuma menção); 1914-1916 (nenhuma menção); 1916-1917 (duas menções) e de 1917-1920 (duas menções).
3. Para acompanhar melhor a discussão do abandono de Freud da perspectiva patoanalítica ver páginas 88 e 90.
4. Nesse momento os autores destacam o Seminário 4 (A relação de objeto) e o Seminário 5 (As formações do Inconsciente) e posteriormente analisam a releitura via Seminário 17 (O Averso da Psicanálise) e Seminário 19 (... ou pior).
5. A noção de “gozo do Outro” é de suma importância para o desenvolvimento das teses dos autores, pois está ligada à incapacidade de o sujeito histórico se posicionar na relação com esse gozo, o que toma lugar de recusa do sujeito histórico ao papel de objeto de troca, conforme a conexão lacaniana dos anos 1950.
6. Para uma leitura crítica da questão da mulher/feminino nas fórmulas da sexuação ver Aran (2009).

Rafael Cavalheiro
 Psicólogo pela UFRGS; Mestrando do Programa de Pós Graduação em
 Psicanálise: Clínica e Cultura (UFRGS) e membro do Grupo de Trabalho
 sobre Gênero e Sexualidade da Clínica de Atendimento Psicológico da
 UFRGS.